

GEORGES SIMENON

O cavaliço da Providence

Tradução
André Telles



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Le Charretier de La Providence

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Jane Pessoa
Luciane Helena Gomide

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. A eclusa 14 7
2. Os passageiros do *Southern Cros* 19
3. O colar de Mary 31
4. O amante 45
5. O emblema do ICF 56
6. O gorro de marinheiro 68
7. O pedal amassado 83
8. A Enfermaria nº 10 97
9. O médico 108
10. Os dois maridos 120
11. Prioridade 131

1. A eclusa 14

Dos fatos, reconstituídos com extrema minúcia, nada se deduzia a não ser que a descoberta feita pelos dois cavaleiros de Dizy era, por assim dizer, impossível.

A partir das três da tarde de domingo – um 4 de abril –, a chuva se transformara num temporal.

Naquele momento, no porto, acima da eclusa 14, que faz a conexão entre o Marne e o canal lateral, havia duas balsas a motor subindo, uma embarcação descarregando e uma draga.

Pouco antes das sete horas, ao crepúsculo, uma balsa-tanque, a *Eco III*, se anunciara e penetrara na calha.

O operador da eclusa reagira com mau humor, pois tinha visita de parentes em casa. Fez um sinal negativo para uma embarcação que chegou logo em seguida, puxada lentamente por dois cavalos.

Já em casa, não demorou a ver entrar o cavaleiro, que ele conhecia:

– Posso atravessar? O patrão gostaria de pernoitar amanhã em Juvigny...

– Atravesse, se quiser. Mas terá que manobrar sozinho as comportas...

A chuva apertara. Da janela, o operador acompanhou o vulto atarracado do cavaliço indo pesadamente de uma comporta à outra, fazendo seus animais avançar, prendendo os arreios nos pinos de amarração.

A balsa elevou-se pouco a pouco acima dos muros. Não era o balseiro que estava no timão, e sim sua mulher, uma gorda bruxelense oxigenada e com a voz esganiçada.

Às sete e vinte, a *Providence* estava atracada em frente ao Café de la Marine, atrás da *Eco III*. Os cavalos reembarcaram. O cavaliço e o balseiro se dirigiram ao café, ao encontro dos outros balseiros e dos dois colegas de Dizy.

Às oito horas, já noite escura, o rebocador atravessou para o outro lado das comportas os quatro barcos que puxava.

O que fez aumentar a freguesia do Café de la Marine. Eram seis mesas ocupadas, interpelando-se reciprocamente. Os que entravam sacudiam suas botas pegajosas e iam respingando água ao passar.

No cômodo ao lado, iluminado por um lampião a querosene, mulheres faziam compras.

A atmosfera estava carregada. Discutia-se um acidente ocorrido na eclusa 8 e o eventual atraso que isso poderia gerar para as embarcações que subiam o rio.

Às nove horas, a balseira da *Providence* veio buscar o marido e o cavaliço, que se foram após uma saudação à roda.

Às dez horas, as lamparinas estavam apagadas a bordo de praticamente todas as embarcações. O operador acompanhou os parentes até a estrada de Épernay, que corta o canal a dois quilômetros da eclusa.

Não viu nada de anormal. Na volta, ao passar pelo café, deu uma espiada e foi chamado por um balseiro.

– Venha tomar um trago! Você parece um pinto molhado...

Tomou uma dose de rum, em pé. Dois cavaliços, chumbados pelo vinho tinto e com os olhos turvos, se levantaram e se dirigiram à eclusa contígua ao café, onde dormiam na palha, junto com os cavalos.

Não estavam completamente bêbados. Apenas o suficiente para cair num sono de pedra.

Havia cinco cavalos na cocheira, iluminada apenas por um lampião com o fogo baixo.

Às quatro da manhã, um dos cavaleiros acordou o colega e ambos começaram a cuidar dos animais. Ouviram os cavalos da *Providence* sendo retirados da balsa e atrelados.

Nesse exato instante, o dono do café se levantava e acendia a lamparina do seu quarto, no primeiro andar. Também ouviu a *Providence*, que avançara.

Às quatro e meia, o motor a diesel da balsa-tanque se pôs a pigrear, mas ela só partiu quinze minutos mais tarde, depois que o balseiro tomou um grogue no café, cujas portas abriam naquele momento.

Nem bem partira, sua balsa ainda não havia alcançado a ponte, quando os dois cavaleiros fizeram sua descoberta.

Um deles puxava os cavalos na direção do caminho de sirga. O outro, remexendo na palha à cata de seu rebenque, esbarrou com a mão num corpo frio.

Impressionado ao julgar reconhecer um rosto humano, pegou o lampião e iluminou o cadáver, que ia virar Dizy de cabeça para baixo e interferir na vida do canal.

O comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel, recapitulava esses fatos, inserindo-os no contexto.

Era noite de segunda-feira. Na manhã desse mesmo dia, o Ministério Público de Épernay já fizera diligências no local, e, após a visita da Perícia Técnica e dos médicos-legistas, o corpo fora levado para o necrotério.

Continuava a chover, uma chuva fina, compacta e fria, que não dera trégua à noite e ao longo do dia.

Vultos se moviam nas comportas da eclusa, na qual uma balsa subia imperceptivelmente.

Desde que chegara, já fazia uma hora, o comissário tivera uma única preocupação: familiarizar-se com um mundo que descobria inesperadamente e a respeito do qual, ao chegar, só possuía noções errôneas ou embaralhadas.

O operador da eclusa lhe dissera:

– Não havia quase nada na calha: duas balsas a motor descendo, uma subindo, que deixou a eclusa à tarde, uma draga e dois panamás. Depois veio a caldeira com seus quatro barcos...

E Maigret aprendia que uma caldeira é um rebocador e um panamá, um barco sem motor nem cavalos a bordo, que aluga um cavalição com seus animais para um percurso determinado, o que constitui uma espécie de navegação por empreitada.

Ao chegar a Dizy, vira apenas um canal estreito, a três quilômetros de Épernay, e uma aldeia irrelevante nas proximidades de uma ponte de pedra.

Precisou patinhar na lama, ao longo do caminho de sirga até a eclusa, que por sua vez ficava a dois quilômetros de Dizy.

E lá encontrara a casinhola do operador da eclusa, de pedras cinzentas, com a tabuleta: POSTO DE DECLARAÇÃO.

E dirigira-se ao Café de la Marine, único estabelecimento no local.

À esquerda, uma espécie de biroscas, com toalhas impermeáveis marrons nas mesas e paredes marrons até a metade e ocre até o teto.

Um cheiro singular, no entanto, era suficiente para diferenciá-la de uma taberna rural. Era um relento de estrebaria e arreios de cavalo, alcatrão e armazém, querosene e diesel.

Na porta da direita havia uma pequena campainha e anúncios adesivos estavam colados nos vidros.

Dava para um cômodo abarrotado de mercadorias: encaixados de lona, tamancos, macacões de brim, sacos de batatas,

barris de óleo comestível e caixotes de açúcar, ervilhas e feijão, tudo misturado com verduras e peças de louça.

Não se via um freguês. Na cocheira, apenas o cavalo que o proprietário atrelava para ir ao mercado, um grande animal tordilho que, de quando em quando, dava um passeio pelo quintal, entre as galinhas.

Estava tudo encharcado. Era a nota dominante. E as silhuetas dos transeuntes, que caminhavam encurvados, brilhavam.

A cem metros, um trenzinho ia e vinha por um canteiro de obras e seu maquinista prendera um guarda-chuva na traseira da locomotiva miniatura, sob o qual ele se posicionava, tiritando, os ombros entrados.

Uma balsa desatracou e, movida por meio de um croque, avançou até a eclusa, de onde outra saía.

Como a mulher chegara ali? Por que teria vindo? Era esta a pergunta que a polícia de Épernay, o Ministério Público, os médicos e os especialistas da Perícia Técnica se haviam feito com estupefação e que Maigret virava e revirava dentro de sua cabeçorra.

Fora estrangulada, esta era uma primeira certeza. A morte remontava à noite de domingo, possivelmente em torno das dez e meia.

E o cadáver fora descoberto, na cocheira, pouco depois das quatro da manhã.

Nenhuma estrada passava nas proximidades da eclusa. Ninguém, exceto um profissional da navegação, teria qualquer interesse em circular por ali. O caminho de sirga era demasiado estreito para permitir a passagem de um automóvel. E, aquela noite, só se andava por ele com lama e água das poças nas canelas.

Ora, tudo indicava que a mulher pertencia a um mundo mais afeito a se deslocar em automóveis de luxo e vagões-leitos do que a pé.

Usava apenas um vestido de seda creme e sapatos de camurça branca, estes parecendo mais sandálias de praia que calçados normais.

O vestido estava amarrotado, mas não se percebia nenhuma mancha de lama. No momento da descoberta, apenas a lama do sapato esquerdo continuava úmida.

– Entre trinta e oito e quarenta anos – afirmara o médico, após examiná-la.

Seus brincos eram duas pérolas verdadeiras, valendo aproximadamente quinze mil francos. A pulseira, de ouro e platina, trabalhada num estilo ultramoderno, era mais estética do que cara, embora assinada por um joalheiro da Place Vendôme.

Os cabelos eram castanhos, crespos, cortados bem rentes na nuca e nas têmporas.

Quanto ao rosto, desfigurado pelo estrangulamento, devia ter sido de uma beleza deveras notável.

Sem dúvida, uma mulher e tanto.

As unhas, tratadas e pintadas, estavam sujas.

Nenhuma bolsa fora encontrada com ela. As polícias de Épernay, Reims e Paris, de posse de uma fotografia do cadáver, tentavam infrutiferamente, desde o amanhecer, determinar sua identidade.

E a chuva não perdoava a paisagem feia. À esquerda e à direita, o horizonte era limitado por encostas arenosas, com sulcos brancos e pretos, nos quais as videiras, durante aquela estação do ano, se espetavam como cruzeiros de madeira num cemitério do front.

Com o semblante aflito, o operador da eclusa, identificável pelo boné com insígnias prateadas, contornava a calha, na qual a água efervescia todas as vezes que ele abria as comportas.

E a cada balseiro, enquanto sua embarcação subia ou descia, ele contava a mesma história.

Às vezes, assinados os formulários regulamentares, os dois

homens se dirigiam em largas passadas até o Café de la Marine, onde emborcavam doses de rum ou um cálice de vinho branco.

De tempos em tempos, o operador da eclusa apontava com o queixo para Maigret, que, circulando sem finalidade precisa, devia transmitir uma impressão de desnorteamento.

Era um fato. O caso se apresentava de uma maneira absolutamente anômala. Não havia uma testemunha a ser ouvida.

Tanto que o Ministério Público, após interrogar o operador da eclusa e confabular com o engenheiro de Pontes e Calçadas, decidira autorizar todas as embarcações a seguir seu curso.

Os dois cavaliços haviam sido os últimos a partir, em torno do meio-dia, comboiando um panamá cada um.

Como as eclusas, distantes entre si três ou quatro quilômetros, se conectavam via uma linha telefônica, era possível saber a localização de qualquer embarcação a qualquer hora e deter o seu curso.

Por fim, um comissário de polícia de Épernay interrogara todo mundo e Maigret dispunha dos autos desses interrogatórios, dos quais nada se deduzia a não ser que a realidade era inverossímil.

Todos os que se encontravam no Café de la Marine na véspera eram conhecidos, seja do dono, seja do operador da eclusa, quase sempre de ambos.

Os cavaliços dormiam pelo menos uma vez por semana na mesma cocheira e sempre no mesmo estado limítrofe da embriaguez.

– É fácil entender! A cada eclusa, tomamos um trago... quase todos os operadores vendem bebida...

A balsa-tanque, que chegara domingo à tarde e partira na manhã de segunda, transportava gasolina e pertencia a uma grande companhia do Havre.

Quanto à *Providence*, cujo balseiro era também seu proprie-

tário, passava vinte vezes por ano, com seus dois cavalos e seu velho cavaliço. E o mesmo acontecia com todas as outras!

Com cara de poucos amigos, Maigret entrou cem vezes na cocheira, depois no café e na loja.

Viram-no caminhar até a ponte de pedra, parecendo contar os passos ou procurar alguma coisa na lama. Assistiu, gotejante e mal-humorado, a dez aberturas de comporta.

Todos se perguntavam o que lhe ia na cabeça e, na realidade, não ia nada. Nem sequer tentava descobrir um indício propriamente dito, e sim deixar-se impregnar pelo ambiente, absorvendo aquela vida do canal tão diferente da que ele conhecia.

Certificou-se de que poderiam lhe emprestar uma bicicleta caso pretendesse deslocar-se até uma ou outra embarcação.

O operador da eclusa dera-lhe um *Guia oficial de navegação interna*, no qual, por razões topográficas ou devido a uma conexão, um cruzamento, à presença de um porto, um guindaste, até mesmo um posto de declaração, localidades desconhecidas, como Dizy, ganhavam uma importância insuspeitada.

Mentalmente, tentava acompanhar embarcações e cavaliços:

Ay – Porto – Eclusa nº 13

Mareuil-sur-Ay – Estaleiro – Porto – Calha de transferência – Eclusa nº 12 – Altura máxima 74, 36...

Depois Bisseuil Tours-sur-Marne Condé Aigny...

Na outra ponta do canal, além do platô de Langres, que as embarcações escalavam eclusa por eclusa e voltavam a descer na outra vertente, o Saône, Chalon, Mâcon, Lyon...

“O que essa mulher veio fazer aqui?”

Numa cocheira, com pérolas nas orelhas, pulseira de estilo, sapatos em camurça branca!

Em princípio, chegara viva, uma vez que o crime fora cometido após as dez horas da noite.

Mas como? Por quê? E ninguém ouvira nada! Nenhum grito de sua parte! Os dois cavaleiros não haviam despertado!

Sem o rebenque extraviado, o cadáver provavelmente só viria a ser descoberto quinze dias ou um mês depois, quando, por acaso, alguém remexesse na palha.

E outros cavaleiros teriam vindo roncar ao lado daquele corpo de mulher!

Apesar da chuva fria, pairava na atmosfera alguma coisa de opressivo e implacável. E a vida escoava lentamente.

Pés calçados com botas ou tamancos deambulavam pelos muros da eclusa ou ao longo do caminho de sirga. Cavalos gotejantes aguardavam o fim da transposição para partir, retestando-se num esforço progressivo, arqueados sobre as patas traseiras.

E já anoitecia outra vez. As embarcações que subiam já não se moviam, atracadas para o pernoite, enquanto levas de balseiros entorpecidos caminhavam na direção do café.

Maigret foi dar uma espiada no quarto que acabavam de preparar para ele, ao lado do quarto do dono. Ali permaneceu cerca de dez minutos, trocou os sapatos e limpou o cachimbo.

Quando desceu, um iate pilotado por um marinheiro vestindo uma capa avançava devagar rente à margem, roçava-lhe a popa e atracava suavemente entre dois pinos de amarração.

O marujo executou sozinho todas as manobras. Logo a seguir, dois homens saíram do camarote, olharam em volta com tédio e terminaram por dirigir-se ao Café de la Marine.

Também vestiam capas de chuva. Porém, quando as retiraram, viu-se que estavam de camisa de flanela aberta no peito e calça branca.

Os balseiros observavam os recém-chegados sem que eles denotassem qualquer constrangimento! Ao contrário! Aquele tipo de cenário lhes parecia familiar.

Um deles era alto, corpulento, grisalho, com a pele cor de

argila. Seus olhos saltados e vítreos escorregavam nas pessoas e nas coisas, parecendo não vê-las.

Acomodou-se numa cadeira de palha, puxou uma segunda para os pés e estalou os dedos chamando o dono.

Seu companheiro, na casa dos vinte e cinco anos, dirigia-se a ele em inglês com uma afetação que beirava o esnobismo.

Foi ele que perguntou, sem sotaque:

– Tem champanhe natural...? Sem ser espumante...?

– Tenho...

– Pois traga uma garrafa...

Fumavam cigarros com ponteira de cartolina, importados da Turquia.

A conversa dos balseiros, momentaneamente interrompida, aos poucos foi retomada.

Assim que o dono serviu o vinho, o marinheiro entrou, de calça branca e camiseta listrada azul e branca.

– Aqui, Vladímir...

O mais corpulento bocejou, manifestando um tédio concentrado. Esvaziou a taça com uma cara não de todo satisfeita.

– Uma garrafa! – soprou, dirigindo-se ao mais jovem.

E este repetiu mais alto, como se estivesse habituado a transmitir assim as ordens:

– Uma garrafa!... Do mesmo!...

Maigret deixou o seu canto, onde estava instalado diante de uma caneca de cerveja.

– Com licença, cavalheiros... Posso fazer uma pergunta...?

O mais velho apontou seu companheiro com um gesto que significava: “Dirija-se a ele!”.

Não demonstrava nem surpresa nem interesse. O marujo serviu-se um copo e cortou a ponta de um charuto.

– Chegaram pelo Marne?

– Pelo Marne, claro...

– Estavam atracados longe daqui, ontem à noite?

O mais corpulento voltou a cabeça e interveio, em inglês:

– Responda que isso não é da conta dele!

Maigret fingiu não compreender e, sem nada acrescentar, puxou da carteira a fotografia do cadáver e depositou-a sobre a toalha impermeável marrom.

Os balseiros, sentados ou em pé diante do balcão, acompanhavam a cena com os olhos.

O *yachtman* mal moveu a cabeça para examinar o retrato. Então, voltando-se para Maigret, suspirou:

– Polícia?

Tinha um sotaque inglês carregado, uma voz cansada.

– Polícia Judiciária! Um crime foi cometido aqui ontem à noite. A vítima ainda não foi identificada.

– Onde ela está? – indagou o outro, levantando-se e apontando para a fotografia.

– No necrotério de Épernay. Por acaso a conhecem?

O semblante do inglês era impenetrável. Mesmo assim, Maigret notou que seu pescoço descomunal, sanguíneo, ficara roxo.

Ele pegou seu quepe branco, cobriu a cabeça desguarnecida e, voltando-se para o sujeito que o acompanhava, mastigou primeiro algumas palavras em inglês:

– Mais complicações!

Por fim, alheio à curiosidade dos balseiros, declarou, bafoando o charuto:

– É minha mulher!

A crepitação da chuva nos vidros e o rangido das manivelas da eclusa pareceram amplificar-se. O silêncio durou alguns segundos, absoluto, como se toda a vida entrasse em recesso.

– Pague você, Willy...

O inglês jogou a capa nos ombros, sem vesti-la, e grunhiu em direção a Maigret:

– Venha até o barco...

O marujo, que ele chamara de Vladímir, primeiro terminou

a garrafa de champanhe e, aí sim, saiu como entrara, na companhia de Willy.

A primeira coisa que o comissário viu a bordo foi uma mulher de penhoar, descalça, cabelos desgrenhados, cochilando numa espécie de divã de veludo grená.

O inglês tocou-lhe o ombro e, com a mesma fleuma de antes, num tom nem um pouco amável, ordenou:

— Saia...

Então esperou, olhos grudados na mesa dobrável, sobre a qual havia uma garrafa de uísque e meia dúzia de copos sujos, bem como um cinzeiro transbordando guimbas.

Irrefletidamente, terminou por servir-se, empurrando a garrafa para Maigret com um gesto que significava: “Está às ordens...”.

Uma balsa passava rente às vigias, e o cavaliariço, cinquenta metros à frente, estacava seus cavalos, cujos guizos tilintavam.